



## OS DOMINICANOS NO ANTIGO NORTE DE GOIÁS

*César Evangelista Fernandes Bressanin<sup>1</sup>*

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiânia, Goiás, Brasil

[cesarfernandes@uft.edu.br](mailto:cesarfernandes@uft.edu.br)

**Resumo:** É no espírito do ultramontanismo e do missionarismo, facetas de atuação da Igreja Católica no final do século XIX e início do século XX, que se configura a chegada dos padres dominicanos franceses ao Brasil e, especificamente, ao antigo norte de Goiás no ano de 1886. Criada em 1215 por Domingos de Gusmão, a Ordem dos Pregadores, assim intitulada a Ordem dos Dominicanos tinha como objetivo principal a pregação do Evangelho e, aos poucos, espalharam-se por várias partes do mundo. No Brasil, os primeiros padres dominicanos chegaram em 1881, em Uberaba-MG e em 1883, se instalaram na sede da diocese de Goiás. Em 1886 chegaram a Porto Imperial, atual Porto Nacional, os primeiros padres dominicanos. Durante o tempo que permaneceram em Porto Nacional, destacam-se algumas obras e ações dos dominicanos, entre elas, a edificação da Igreja de Nossa Senhora das Mercês a construção e instalação do Convento Santa Rosa de Lima, a abertura da estrada de Porto Nacional a Conceição do Araguaia, as desobrigas por toda a região, o ensino de música, a atuação na escola primária e secundária e outras. Foi com os dominicanos que começou um trabalho mais obstinado na formação intelectual dos habitantes do norte de Goiás. Eles impulsionaram a produção cultural dos portugueses e fizeram a cidade se destacar como lugar de referência espiritual e cultural para todo o antigo norte de Goiás.

**Palavras-chave:** Dominicanos; Antigo Norte de Goiás; Porto Nacional.

A instituição de ordens e congregações religiosas com o intuito de promover a conversão de povos não-cristãos ao longo da História do Catolicismo foi muito comum e o

---

<sup>1</sup> Graduado em História (UFT), e Mestrando em História PUC-GO;

esforço missionário católico no final do século XIX, no intuito de redirecionar as práticas religiosas era fervoroso.

É no espírito do ultramontanismo<sup>2</sup> e da romanização<sup>3</sup>, facetas de atuação da Igreja Católica no final do século XIX e início do século XX que se configura a chegada dos padres dominicanos franceses ao Brasil e, especificamente, a Porto Imperial, atual Porto Nacional, no ano de 1886.

A Ordem dos Frades Pregadores, o nome mais próprio dos Dominicanos, título concedido pelo Papa Honório III, em 1216, expressando a missão pela qual a Ordem nasceu, foi criada em 1214 por Domingos de Gusmão em Toulouse, na França e tinha como objetivo principal a pregação do Evangelho. A função de pregar o Evangelho era reservada exclusivamente aos bispos, até então.

Espalhados por toda a Europa, em alguns países da América Espanhola como Peru, Chile, Argentina, Uruguai, México e Colômbia, pela África e outras regiões do mundo os dominicanos engajaram-se na missão do anúncio do Evangelho, na busca contínua de novos convertidos para o catolicismo e no combate às heresias que afrontavam a Igreja Católica.

A instalação dos primeiros padres dominicanos no Brasil aconteceu em novembro de 1881. Antes disso, os frades já haviam manifestado grande interesse de serem missionários, especialmente quando o convento São Maximino, no sul da França recebeu um jovem religioso brasileiro que estudava no Seminário Pio Latino de Roma e que ingressou na Ordem dos Pregadores, o Padre Frei Vicente de Melo.

Este entusiasmado religioso trazia consigo o forte desejo de retornar à sua terra como missionário para trabalhar no sertão entre o povo sedento de Deus e os índios necessitados de evangelização. Todo este entusiasmo contagiava os demais frades do convento através das

---

<sup>2</sup> O ultramontanismo foi o movimento que buscou defender o pleno poder papal. Passou a ser referência para os católicos de vários países, mesmo que denotasse um distanciamento dos interesses políticos e culturais. Ele surgiu como uma reação à modernidade do mundo e como um direcionamento político desenvolvido pela Igreja, caracterizada pela centralização romana, ou seja, um fechamento sobre si mesma, uma abdicação do contato com o mundo moderno. Alguns documentos expressam o pensamento centralizador do papa, como as encíclicas de Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939) (cf. AZZI, 1992 e CAES, 2002).

<sup>3</sup> A chamada romanização foi um “processo a que foi submetida a Igreja no Brasil entre 1880 e 1920” (BEOZZO, 1977), ou seja, “uma inserção da estrutura hierárquica da Igreja Católica do Brasil na estrutura burocrática da Santa Sé” (AQUINO, 2012b) resultando numa “clericalização” e ‘sacramentalização’ das práticas religiosas católicas no Brasil, substituindo a laicidade e o espírito festeiro, regalista e devocional que caracteriza o catolicismo brasileiro até a inserção deste movimento que iniciou-se no século XIX e que, no Brasil, se fortaleceu a partir de 1890 com o fim do padroado (cf. RIGOLO FILHO, 2006; MANOEL 2008; MICELLI, 2009; AQUINO, 2012a; 2012b).

repetidas, explanando sobre Brasil, que o jovem Frei Vicente empreitava aos que moravam em São Maximino

Em uma de suas visitas a Roma, o então bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro de Lacerda, visitou o convento de São Maximino no final de 1877. À ocasião, como era conhecido de Dom Pedro e seu filho espiritual, Frei Vicente não perdeu a oportunidade de contar-lhe sobre seu projeto de fundar uma casa de Missões Dominicanas no Brasil.

O sonho de Frei Vicente pareceu tornar-se realidade, pois,

Poucos dias depois, Dom Lacerda impetrava em Roma ao Vigário Geral da Ordem, o Rmo. Padre Sanvito, uma fundação de Dominicanos em sua diocese. De volta à França, na véspera do embarque em Bordéus, entabou e concluiu essa importante negociação com os Superiores de Tolouse e, sem demora viajou, precedendo de poucos dias os religiosos escolhidos para lançarem os alicerces da nova missão (AUDRIN, 2007, p. 47).

De acordo com Santos (1996, p. 25-26), em 1878, os Frades Damião Signerin e Benedito Sans desembarcam no Rio de Janeiro para analisarem a possibilidade de uma casa de missão dominicana tornar-se realidade na então capital do império brasileiro. Chegaram munidos de cartas de apresentação da Duquesa de Alençon, prima do Conde d'Eu, esposo da Princesa Isabel, pois os dominicanos não eram bem vistos pelo imperador, que de princípio não os quis aceitar alegando que em suas terras ele não precisava de inquisidores. Vale recordar que em terras portuguesas e espanholas, os dominicanos se responsabilizaram pelo Tribunal da Santa Inquisição. Foi a Princesa Isabel quem conseguiu convencer seu pai de que os frades que aqui se instalariam eram franceses e discípulos do Padre Lacordaire, seu antigo conhecido da França.

Mas este não era o momento para a concretização da missão dominicana no Brasil. Como o Rio de Janeiro sofria com forte epidemia de febre amarela, Frei Damião adoeceu e faleceu em 16 de março de 1878. Frei Benedito, também acometido pela doença, permaneceu no Brasil até sua melhora e retornou à França em abril de 1878, chamado pelo Provincial. Frei Benedito sofreu, até sua morte, com as sequelas deixadas pela doença. Após estes acontecimentos, por um período de três anos não se falou mais em fundação dominicana no Brasil.

Quando estiveram no Brasil, Frei Damião e Frei Benedito ficaram hospedados no convento dos padres lazaristas – Seminário do Rio Comprido – no Rio de Janeiro. Lá compartilharam seus ideais e a seriedade de um trabalho missionário com o jovem padre

lazarista Claudio José Gonçalves Ponce de Leon que, em 13 de maio de 1881, foi escolhido para ser bispo da longínqua e vasta diocese de Goiás.

Ao ser escolhido bispo de Goiás, Dom Claudio solicita ao Convento Dominicano em São Maximino uma frente de evangelização para sua diocese que se encontrava carente em todos os aspectos. A diocese de Goiás nessa época “compreendia então os atuais estados de Goiás e Tocantins e mais uma parte do atual Estado de Minas Gerais, conhecida como triângulo mineiro” (SANTOS, 1996, p. 27).

Vale destacar aqui dois pontos: a ousadia de Dom Claudio que, antes mesmo de ser sagrado bispo, sem conhecer *in loco* a realidade de sua diocese solicita uma fundação dominicana em Goiás e a pressa e a solicitude do provincial dominicano em aceitar tal fundação.

Desta feita, 1881, mal acabara de receber convite por escrito [...] de um bispo há pouco apresentado e confirmado, porém não ainda ordenado para a diocese de Goiás, apresentaram-se de pronto três frades, três meses depois da ordenação episcopal. Espantaram-se, pois, os lazaristas, diante de tamanha pressa e solicitude. [...] o provincial, naquele momento histórico talvez profético, jogava e apostava no futuro da OP<sup>4</sup> no Brasil pela dedicação de seus filhos, *pari passu* depositando bastante confiança na pessoa que os convidava de todo o coração vir atuar no Brasil (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s.d:124 *apud* CAIXETA, 2013, p. 62).

Após sua sagração episcopal em 24 de julho de 1881,

Dom Claudio permanece no Rio até a segunda metade de agosto, com o objetivo principal de cuidar de sua diocese, ora se entendendo com as autoridades, ora promovendo uma campanha de angariar auxílios para sua pobre e distante igreja de Goiás (SILVA, 2006, p. 285).

Como era bem relacionado na alta sociedade da capital do império e mantinha boas relações com o imperador, Dom Claudio conseguiu que a chegada dos dominicanos se desse mais rapidamente. Em seis de outubro de 1881, “dois padres e um irmão aportavam no Brasil e a 31 do mesmo mês chegavam em Uberaba. Eram eles Frei Raymundo Madre, Frei Lázaro Mélizan e Irmão Gabriel Mole” (PIAGEM E SOUZA, 2000, p. 66).

Em Uberaba, cidade do extremo sul da então Diocese de Goiás, no triângulo mineiro, os dominicanos fundaram o primeiro Convento da Ordem Dominicana no Brasil. Ao lado da Igreja de Santa Rita, em um casarão colonial edificado por um frade capuchinho, os dominicanos iniciaram sua missão em terras brasileiras.

---

<sup>4</sup> OP – abreviatura de Ordem dos Pregadores.

Na rotina do trabalho em sua vasta diocese, Dom Claudio sentiu a necessidade de um melhor atendimento em alguns pontos estratégicos em que o povo sofria com a falta de um atendimento eclesialístico mais profícuo. Mediante o trabalho promissor dos frades dominicanos no triângulo mineiro, solicitou mais uma vez ao superior da Ordem outros missionários que pudessem adentrar o interior da diocese de Goiás.

Em 1883, Frei Reginaldo Colchen, Provincial em Toulouse enviou alguns frades para a sede da diocese e capital da província. Na cidade de Goiás, a Ordem dos Pregadores iniciou sua segunda fundação assumindo as atividades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e instalando-se em uma casa ao lado desta, atendendo as expectativas de Dom Claudio.

E quais eram as expectativas do bispo? A reforma do clero e a reforma do povo em sintonia com as reformas da Igreja no processo de romanização.

O clero da diocese de Goiás assumida por Dom Claudio era sua grande maioria relaxado para com as questões eclesiais, muitos vivam no concubinato e estavam mais preocupados com as ‘coisas mundanas’ do que com as ‘coisas celestiais’.

O povo, de acordo com relatos do padre Berthel, numa visita pastoral de Dom Claudio ao norte da diocese, “encontra-se a ignorância mais crassa entre esta pobre gente, que vive sem fé e morre sem sacramento, sob o peso dos pecados mais monstruosos” (BERTHET *apud* SANTOS, 1996, p. 83).

A religião [do povo da região norte da diocese] é mais supersticiosa do que sincera; o estado moral é lamentável; não sabem confessar, o padre precisa perguntar tudo; ficam felizes quando o padre se esquece de perguntar sobre um pecado grave; todos querem se confessar e aceitam as mais rudes penitências contando que pudessem continuar a vida desregrada (...) o povo é preguiçoso. Há pessoas que trabalham apenas o necessário para não morrer de fome (SANTOS, 1996, p. 83-84).

Com esta realidade que estava tão longe da sonhada por D. Claudio e pela Igreja, que se indignava com tal situação e diante da vasta diocese necessitada de missionários que educasse “o povo dentro dos padrões morais e doutrinários da reforma tridentina” (SANTOS, 1996, p. 84),

Três anos depois da segunda fundação, Dom Claudio tentava uma nova súplica. Pedia novos apóstolos para os extremos confins da diocese, isto é, para a vastíssima região que se estende entre as duas artérias fluviais do Tocantins e do Araguaia, e limita de um lado com o Pará e Mato Grosso, do outro, com Bahia, Piauí e Maranhão. Os Superiores Dominicanos não desprezaram este terceiro apelo. O norte de Goiás era, aliás, um atrativo poderoso para os Frades do Brasil, na maior parte jovens e ardentes (AUDRIN, 2007, p. 52)

Assim, em 1886, chegaram a Porto Imperial, atual Porto Nacional, os primeiros padres dominicanos, Frei Gabriel Devoisin, Frei Michel Berthet, Frei Domingos Nicollet e o irmão leigo Frei Afonso Valsechini.

Nesta cidade fundaram, em 20 de maio de 1886, o convento Santa Rosa de Lima, primeiramente numa casa cedida à diocese de Goiás, por membros da oligarquia portuense, e repassada aos dominicanos. Percebe-se aqui o apoio da sociedade local à vinda dos padres franceses, visto que esta ansiava melhorias nos cuidados com a fé, com a educação e formação de seus filhos.

Quase quatro anos após a instalação dos primeiros dominicanos em Porto Nacional, em 25 de abril de 1890, a Província de Toulouse reconhece a missão de Santa Rosa de Lima, nesta cidade.

Em Porto Nacional, os dominicanos assumiram os trabalhos da paróquia de Nossa Senhora das Mercês e ficaram responsáveis por um território bem vasto, desde o arraial de Descoberto (hoje Porangatu) até o antigo extremo norte de Goiás. Vale ressaltar aqui o número reduzido de padres diocesanos presentes no antigo norte de Goiás. Peregrinavam por toda esta área, seja pregando missões, assistindo espiritualmente o povo católico disperso pela região, quer nas cidades, na zona rural ou em meio às matas ou atendendo aos povos indígenas.

Para dar assistência ao povo do antigo norte de Goiás, os frades pregadores utilizavam os dois únicos meios de locomoção: o burro ou o barco. Eram viagens que demoravam dias, senão meses, no lombo de um burro sob o forte sol impiedoso do norte, ou então, nos barcos a remo nas águas do Tocantins que apresentavam perigos enormes. Vários frades sofreram naufrágios e alguns perderam suas vidas.

Viajar dias e dias por estradas lamacentas e terríveis ou por rios tortuosos e perigosos constituía uma verdadeira aventura (...) Os frades saíam de seu convento iluminados pelo ardor missionário, insensíveis aos sofrimentos da jornada angustiante, indiferentes às torturas da caminhada distante. Dias e dias varavam as estradas ermas e por trilhos sinuosos, através das matas inóspitas e cheias de perigos. Aos olhos humanos se constituíam em verdadeiras viagens-tortura, viagens-martírio, viagens-sofrimento. Porém, para o missionário não era assim. Imbuídos da mística do martírio, que tanto marcou essa geração de frades, todo esse sofrimento era visto como um presente, uma graça de Deus. (SANTOS, 1996, p. 36).

Devotos à Igreja, preocupados com a salvação das almas, zeladores dos sacramentos e do culto à verdade, exímios pregadores do santo evangelho, e filhos devotíssimos à Virgem Maria buscavam, na vida comunitária e na vivência da pobreza, a perfeição. Assim, os frades

pregadores foram agentes fundamentais da implantação, da dinamização e da consolidação do movimento reformador na Diocese de Goiás, em especial no antigo norte de Goiás.

De acordo com Azzi (1982, p. 15),

Desde meados do século XIX iniciou-se no Brasil um importante movimento do episcopado brasileiro, empenhado na substituição do antigo modelo eclesial de Cristandade, de origem medieval, implantado no período colonial, pelo modelo de Igreja considerado como sociedade hierárquica, preconizado pelo Concílio Tridentino.

No entanto, o objetivo dos padres dominicanos não era pautado somente no aspecto religioso. Estes missionários desenvolveram um significativo trabalho social e educacional que deixou marcas profundas na história do atual estado do Tocantins.

De acordo com Piagem e Sousa (2000, p. 65),

Os dominicanos não vieram somente como catequistas de índios, como os primeiros capuchinhos italianos [...] mas pregadores do Evangelho para todo o povo de Deus espalhado nas diversas regiões dos sertões goianos. Vieram com o objetivo de fundar comunidades, igrejas, escolas, postos de saúde...

Maya (2002) e Oliveira (2010) destacam entre outras obras e ações dos dominicanos em Porto Nacional a construção da futura Catedral de Nossa Senhora das Mercês entre os anos de 1894 e 1903, sob a responsabilidade do Frei Bartolomeu Meirinho (Frei Berto), a construção e instalação do Convento Santa Rosa de Lima (prédio do atual seminário diocesano) que abrigou os dominicanos em sua permanência no sertão goiano, a abertura da estrada de Porto Nacional a Conceição do Araguaia por Frei Domingos Carrerot em suas aventuras missionárias entre os quase 400 km entre as duas cidades, as desobrigas por toda a região, o ensino de música, a atuação na escola primária e secundária entre outras.

Uma contribuição significativa dos padres dominicanos para Porto Nacional e região foi em relação à educação. Conforme Godinho (1988, p. 69-71), antes da chegada dos dominicanos, a cidade já contava com escolas públicas. A primeira foi criada em janeiro de 1830 pelo Conselho Geral da Província e instalada somente em 1840, atendia apenas crianças do sexo masculino, sendo que em 1864 instalou-se a primeira escola pública para meninas.

Com o intuito de trazer para Porto Nacional e região uma escola que cuidasse bem de perto da formação dos meninos e meninas, os missionários pediram a vinda das irmãs dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, religiosas francesas, que já tinham

colégios em Uberaba, Goiás e Conceição do Araguaia para empreitarem a fundação de uma Instituição de Ensino.

Em 1904, no dia 08 de agosto, quatro religiosas chegaram a Porto Nacional. Eram as Irmãs Maria Inês, Maria André, Maria Fernanda e Maria Rafael acompanhadas do Frei Rosário Melisan, Frei Salvador e Frei Luiz, ambos dominicanos. Em 15 de setembro deste ano fundam o Colégio Sagrado Coração de Jesus com externato para ambos os sexos e internato para meninas (GODINHO, 1988).

A presença dos frades pregadores em Porto Nacional foi frutífera. De acordo com Moreira Filho no prefácio da obra de Rodrigues (2007, p. 13), “os padres dominicanos semearam uma educação humanizadora e com sustentação, sobretudo na religião, na filosofia, no teatro, na música, nos esportes nas artes plásticas em geral e nas línguas do velho mundo”.

Além de se envolverem na educação dos portuenses, através da catequese, da contribuição com as Irmãs no Colégio Sagrado Coração de Jesus e demais unidades escolares comandadas por elas, os frades pregadores assumiram, após a instalação definitiva da Diocese de Porto Nacional<sup>5</sup>, a reitoria do Seminário Diocesano São José e do Externato Santo Tomás de Aquino, fundados em 1922, por Dom Domingos Carrerot, dominicano, primeiro bispo diocesano.

Vale lembrar que Oliveira (2010, p. 69) destaca a fundação de uma escola secundária para o sexo masculino em Porto Nacional por Frei Rosário Melisan, quando foi reitor do convento Santa Rosa de Lima, entre 1901 e 1909.

Os dominicanos, na missão do antigo norte de Goiás, criaram outras instituições culturais como a Lira Santa Tereza, a Banda de Música Santa Cecília, o Coral da Catedral, o Teatro São José e a União dos Moços Católicos de Porto Nacional, de 12 de outubro de 1921 com a finalidade de “reunir a mocidade catholica e para oriental-a nos são princípios christão e sociaes e encaminhal-os na estrada do verdadeiro civismo” [sic] (UNIÃO DOS MOÇOS CATÓLICOS DE PORTO NACIONAL *apud* DOURADO, 2010, p. 132).

Foi importante, também, a colaboração dos dominicanos na produção de jornais. Porto Nacional foi berço de grandes periódicos, em destaque para a *Folha do Norte*, de 1891, *O Incentivo*, de 1901 e *O Norte de Goyaz*, de 1905 (OLIVEIRA, 2010). Além de participarem das edições destes periódicos com suas contribuições acerca da religiosidade e da educação, os frades pregadores criaram “o jornal chamado “Folha dos Moços” (1930), editado pelos

---

<sup>5</sup> A Diocese de Porto Nacional foi criada em 20 de dezembro de 1915 pelo Papa Bento XV através da Bula “*Apostolatus Officium*”, no entanto, a instalação da Diocese aconteceu somente em 11 de julho de 1921 com a posse do primeiro bispo diocesano, o dominicano, Dom Domingos Carrerot.

alunos da Escola São Thomaz de Aquino, dirigido, na época, pelo Fr. Bertrand Maria Olléris” (DOURADO, 2010, p. 131).

Diversos frades dominicanos passaram por Porto Nacional e deixaram suas marcas. Godinho (1988) apresenta alguns dominicanos que residiram no Convento Santa Rosa de Lima, entre eles, *Frei Gil Vila Nova*, o “Apóstolo do Araguaia”, fundador da cidade de Conceição do Araguaia; *Frei André Bladgé*, conhecido pela fabricação de pílulas e xaropes; *Frei Rosário Melisan*, que inaugurou a Catedral de Nossa Senhora das Mercês, fundou e foi professor na escola secundária; *Frei Angelo Dargainattz*, que desapareceu na cachoeira do Funil, no Rio Tocantins, em 1905; *Frei Salvador Sá* que iniciou as obras do Convento Santa Rosa de Lima; *Frei Reginaldo Tournier*, geógrafo que elaborou o mapa geográfico mais completo de Goiás além de arquiteto do prédio do seminário São José; *Frei José Maria Audrin*, biógrafo de Dom Domingos Carrerot, criou a Lira de Santa Tereza, a União dos Moços Católicos, a Confraria do Rosário e a Ordem Terceira dos Dominicanos; *Frei Antonio Salá* foi catequista entre os indígenas do Araguaia e do Xingu; *Frei Bertand Oléris* foi o sustentáculo do Externato São Tomás de Aquino; *Frei Gil Gomes Leitão* catequizou os índios Gaviões, Xicrins e Surius, além de organizar clubes esportivos em Porto Nacional; *Frei Thiago e Frei Gregório*, irmãos leigos, dedicaram-se à música; *Frei Domingos Nicollet*, ‘Frei Domingão’, professor e querido pelos portuenses; *Frei Bartolomeu Meirinho*, ‘Frei Berto’, construtor da Catedral Nossa Senhora das Mercês; *Frei Domingos Carrerot*, ‘Frei Dominginho’, quem abriu a estrada entre Porto Nacional e Conceição do Araguaia, no Pará, onde trabalhou na catequização dos índios e se tornou o primeiro bispo e foi o primeiro bispo da diocese de Porto Nacional; *Frei Alberto Veneri*, *Gregório Aleixo*, *Pedro de Sousa*, *Luis Palha*, *Nicolau Casagrande*, entre tantos outros.

Durante o tempo que a missão dominicana permaneceu em Porto Nacional, de 1886 a 1938, os frades pregadores impulsionaram a produção cultural dos portuenses, pois, de acordo com Piagem e Souza (2000), foi com eles que começou um trabalho mais obstinado na formação do povo tocantinense.

Esta afirmação de Piagem e Souza (2000) nos remete a outra questão. Santos (1996, p.84) afirma que “há um abismo entre o tipo de civilização pretendida pelo missionário e a realidade constatada por ele”. Assim, podemos aplicar aqui as ideias discutidas por Norbert Elias em sua obra “*O processo civilizador*”.

É comum que em alguns grupos os costumes de seus membros não estejam de acordo com os costumes padrões de sociedade que se almeja e, através da educação, esses hábitos podem ser mudados.

Para Elias (1994), o processo civilizador constitui uma mudança a longo prazo na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Podemos afirmar que foi isso que aconteceu no antigo norte de Goiás, especialmente em Porto Nacional, com os trabalhos da missão dominicana.

A ordem religiosa dominicana em Porto Nacional “fez com que esta [cidade] se tornasse centro de irradiação espiritual e cultural para todo o norte de Goiás” (OLIVEIRA, 2004, p. 238). O processo civilizador aconteceu de fato. Ao longo do tempo, pouco mais de cinquenta anos, em que os religiosos franceses marcaram presença em Porto Nacional, “a cidade foi se amoldando aos poucos às ideias e ao *modus vivendi* daqueles abnegados frades” (MAYA, 2003, p. 67).

Aos poucos, Porto Nacional foi se ‘*afrancesando*’ em pleno sertão. Visto que, “além do desenvolvimento religioso e intelectual, [com a presença dominicana], ocorreram também mudanças no comportamento e [até] nos hábitos alimentares”, afirma OLIVEIRA (2010, p. 72).

Na primeira metade do século XX, a cidade de Porto Nacional ficou conhecida como “capital da cultura do norte goiano” e, em grande parte, este reconhecimento se deve aos trabalhos da *Ordo Praedicatorum*<sup>6</sup> francesa no antigo norte de Goiás.

## Referências

AQUINO, Mauricio de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, nº 63, p. 143-170, 2012a.

\_\_\_\_\_. *A Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923)*. Assis: UNESP, 2012b.

AUDRIN, José Maria. *Entre sertanejos e índios do norte*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

AZZI, Riolando. *O Altar Unido ao Trono*. História do Pensamento Católico no Brasil III. São Paulo, Paulinas, 1992.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, Petrópolis, Vozes, v. 37, dez 1977.

---

<sup>6</sup> Ordem dos Pregadores.

CAES, André Luiz. *As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2002.

CAIXETA, Vera Lucia. As “santas” missões dominicanas em Goiás no final do século XIX. *Revista Escritas*, Araguaína, UFT, v. 5, n. 1, 2013, p. 58-78.

DOURADO, Benvinda Barros. *Educação no Tocantins*: Ginásio Estadual de Porto Nacional. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

GODINHO, Durval C. *História de Porto Nacional*. [s.l.: s.n.], 1988.

MANOEL, Ivan Aparecido. A criação de paróquias e dioceses no Brasil no contexto das reformas ultramontanas e da ação católica. In: SOUZA, Rogério L.; OTTO, Clárcia (Orgs.). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008.

MAYA, Antonio Luiz. *Reminiscências Eclesiásticas e Sacerdotais*. Goiânia: GEV, 2002.

MAYA, Antônio Luiz. *Reminiscências Sociais Portuenses*. Goiânia: GEV, 2003.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. Um Porto no Sertão: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910. In: GIRALDIN, Odair (org.). *A (trans)formação histórica do Tocantins*. Goiânia: Ed. UFG, 2. ed., 2004.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. *Entre o sertão e o litoral: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

PIAGEM, Pedro P.; SOUSA, Cícero J. de. *Dom Alano: o missionário do Tocantins*. Goiânia: Ed. dos Autores, 2000.

RIGOLO FILHO, Pedro. *A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Correa Nery, Bispo de Campinas 1908-1920*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2006.

RODRIGUES. Edivaldo de Souza. *Pedras de fogo*. Porto Nacional: Alternativa Gráfica e Editora, 2007.

SANTOS, Edivaldo Antônio. *Os Dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930)* Fundação e Consolidação da Missão Dominicana no Brasil. Dissertação de Mestrado em História. Goiânia: UFG, 1996.

SILVA, José Trindade da Fonseca e. *Lugares e pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. Goiania: Ed. da UCG, 2006.